



**PARA UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO NO ENSINO  
MÉDIO: PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE  
*PRONOMES PESSOAIS***

**FOR A PEDAGOGY OF VARIATION IN HIGH SCHOOL: SOCIOLINGUISTICS RE-  
SEARCH ABOUT PERSONAL PRONOUNS**

Leandro Silveira Fleck<sup>1</sup>, Taíse Simioni<sup>2</sup>

**RESUMO:**

O objetivo deste trabalho é apresentar uma *unidade didática* sobre a inserção de *você* e *a gente* como formas inovadoras no paradigma pronominal na posição de sujeito. Essa unidade didática foi planejada e aplicada em uma turma de 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Itaqui (RS). A partir da proposta de uma pesquisa de campo, os alunos tomaram ciência do paradigma pronominal tradicional e, com base nos resultados da pesquisa de campo, realizaram a comparação entre esse paradigma e o considerado inovador. Essa unidade didática revelou, dentro dos seus limites, que tanto o *você* quanto o *a gente* são facilmente encontrados na fala e na escrita dos falantes do município gaúcho de Itaqui, e isto abriu caminho para que a variação linguística fosse discutida em sala de aula, de maneira que a teoria e a prática estivessem articuladas. Essa proposta de trabalho envolvendo os alunos foi pensada como forma de atestar a importância de se criar espaço para a pedagogia da variação linguística, impregnando, dessa forma, o ambiente escolar com a pesquisa a respeito da língua, como proposto por Bagno (2007).

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística; Variação linguística; Ensino; Pronomes pessoais.

**ABSTRACT:**

The objective in this paper is to present a syllabus about the insertion of “*você*” and “*a gente*” as innovative forms in the pronominal paradigm about the position of the subject. The syllabus was planned and applied in a 3rd year high school class of a public school in Itaqui (Brazil - RS). The students analyzed the traditional paradigm, and then it was compared with the results of a

---

1 Universidade Federal do Pampa. E-mail: [fleckunipampa@gmail.com](mailto:fleckunipampa@gmail.com)

2 Universidade Federal do Pampa. E-mail: [taise.simioni@gmail.com](mailto:taise.simioni@gmail.com)

field research applied during the process. The research has revealed, within its limits, that both pronouns “você” and “a gente” are easily found in the speech and the writing of Itaquí’s city speakers in the state of Rio Grande do Sul. The study and its results have opened up for a class discussion about linguistic variation, theory and practice interconnection. Involving students in this research was thought as a way of attesting the importance of generating space for the linguistic variation pedagogy, thus impregnating the school environment with language research, as proposed by Bagno (2007).

**KEYWORDS:** Sociolinguistics; Linguistic variation; Teaching; Personal pronouns.

## Introdução

O ensino do português, ao que parece, ainda está envolto em uma prática que busca, através de “frases vazias e que pouco dizem aos alunos” (ANTUNES, 2003, p. 19), ensiná-los a usar a língua portuguesa sem cometer supostos erros. Facilmente, percebe-se uma subserviência ao ensino gramatical tradicional, partindo de premissas como a de que o brasileiro não sabe a própria língua, sendo preciso aprender as regras gramaticais a qualquer custo para lograr sucesso na vida. Com isso, a gramática tradicional se tornou um “enorme bicho-papão” (FARACO, 2008), colocando medo nos estudantes e perpetuando uma visão distorcida da língua. Nesse cenário, a discussão a respeito da variação linguística é alijada, pois há uma visão deturpada a seu respeito. Embora os documentos oficiais e conseqüentemente os livros didáticos façam referência à variação, o tratamento a ela destinado fica aquém de suas possibilidades. Nos dizeres de Faraco (2008), ainda não conseguimos construir uma pedagogia da variação linguística que possibilite a discussão e a prática de um ensino da língua voltado para o português genuinamente brasileiro. Com isso, há um hiato entre a norma padrão e a norma culta (FARACO, 2008). Nesse espaço conflituoso, temos, de um lado, o senso comum compreendendo a língua como imutável e, de outro, a língua de fato, viva e mutável. Nessa dicotomia, temos o povo acusado de supostamente maltratar o idioma. No outro extremo, analisando pela ótica sociolinguística, o povo é responsável pelas mudanças na língua, pois ele é o seu senhor.

Scherre (2005, p. 70, grifos da autora) já discutia a necessidade de “codificação de uma norma mais realista, mais interessante, que contemple valores diversos, que reflita um pouco mais a nossa identidade linguística e que restitua aos nossos alunos (ou que pelo menos não retire) o prazer de estudar *português*”. A partir do momento no qual o ensino da língua é calcado em proibições, apego a exceções e omissão da variação linguística, a chance de levar o aluno a gostar de estudar vai diminuindo gradativamente. Para Bortoni-Ricardo (2004), qualquer estudante possui competência comunicativa, entretanto, cabe à escola guiá-lo, de modo que ele possa ampliar o seu repertório sociocomunicativo. O problema, como se compreende, está na forma de orientar o aluno, pois o discurso está impregnado de proibições e da tentativa inócua de decorar a nomenclatura, negligenciando o debate sobre a variação linguística.

Uma das formas de inserir na rotina escolar a discussão sobre a variação linguística e, conseqüentemente, fomentar o que Faraco (2008) aponta como “pedagogia da variação linguística” é a inserção da pesquisa sociolinguística em sala de aula. Sendo assim, apresentamos neste artigo uma pesquisa de campo realizada por alunos e professor a respeito dos pronomes pessoais na

posição de sujeito<sup>3</sup>. Nela, houve a discussão sobre o uso de *tu* e *ocê* e *nós* e *a gente* entre os falantes do perímetro urbano do município de Itaqui (RS). Elegemos os pronomes pessoais pelo fato de que a comparação entre o paradigma tradicional, que ignora muitas vezes o *ocê* e o *a gente*, e as normas (cultas ou não) efetivamente em uso permite que o aluno perceba facilmente que a língua varia. Para tanto, além de analisarmos o paradigma pronominal e os pressupostos básicos da variação linguística, nos preocupamos com o ato de pesquisar. Não queríamos a produção de mais uma pesquisa “faz de conta” em sala de aula, e sim uma que respeitasse a cientificidade, ao mesmo tempo em que permitisse a adaptação ao ambiente escolar.

A seguir, expomos a estrutura do presente trabalho. Após esta introdução, na seção 2, apresentamos o embasamento teórico que permitiu a construção da unidade didática que aqui expomos, bem como deu condições para que seus resultados fossem discutidos. A seção 3 se dedica à exposição da metodologia. Na seção 4, apresentamos e discutimos os resultados da unidade didática exposta neste trabalho. Por fim, na seção 5, são feitas as considerações finais.

### **Embasamento teórico**

Comparando o paradigma tradicional dos pronomes pessoais com o paradigma em uso na língua,<sup>4</sup> é possível constatar que há um hiato entre o idealizado nas gramáticas tradicionais e o que realmente acontece no Português Brasileiro (PB). Ora as gramáticas tradicionais e os livros didáticos ignoram, ora apontam, com algumas ressalvas, o rearranjo pelo qual passam os pronomes pessoais. É o que se observa, por exemplo, em Almeida (2005), Cipro Neto e Infante (1998) e Faraco (1999). Almeida (2005) não reconhece *ocê* e *a gente* como pronomes pessoais, classificando-os como pronomes de tratamento, ao lado de *vossa excelência* e *sua majestade*, entre outros. Já Cipro Neto e Infante (1998) reconhecem o *ocê* como pronome pessoal do caso reto, mas condenam a mistura de tratamento do *tu* e do *ocê*. Em relação ao *a gente*, consideram-no de uso coloquial, da mesma forma que Faraco (1999), que anota, além disso, o *ocê* como um pronome pessoal reto para uso em situações informais.

Os quadros a seguir, retirados de Menon (1995), cotejam esses dois paradigmas. É interessante notar a não homogeneidade nem mesmo em trabalhos sobre o uso efetivo na sociedade: sobre o Quadro 2, a autora não inclui *a gente* para representar a primeira pessoa do plural, nem apresenta maiores explicações a respeito da exclusão.

---

3 Este trabalho é um recorte da dissertação de Fleck (2016), desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa.

4 É importante frisar que a unidade didática aplicada cuidou da comparação entre os dois paradigmas na função de sujeito. Em função disso, restringimos a análise, nesta seção, aos pronomes pessoais na função nominativa.

**Quadro 1:** Sistema pronominal tradicional

PRONOME SUJEITO
Eu
Tu
Ele, ela
Nós
Vós
Eles, elas

Fonte: Menon (1995, p. 93)

**Quadro 2:** Sistema pronominal em uso

PRONOME SUJEITO
Eu
Tu, você
Ele, ela
Nós
Vocês
<b>Eles, elas</b>

Fonte: Menon (1995, p. 103)

Nos quadros acima, a diferença entre o paradigma tradicional e o em uso está situado na segunda pessoa do singular, com *tu* e *você*, e na segunda pessoa do plural, com a presença de *vocês* e a ausência de *vós*. Segundo Castilho (2010, p. 477), “os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua”. Como se percebe, há um processo de reorganização pronominal, cujo único e inócuo freio parece ser o forte apego à tradição gramatical, seja no ensino escolar, seja na língua escrita em determinados gêneros religiosos, jurídicos, científico-acadêmicos, jornalísticos, dentre outros.

Em relação ao Rio Grande do Sul, contexto em que foi desenvolvido o trabalho, o uso de *você* e de *a gente* vem surgindo na fala e na escrita de forma frequente, embora não tenhamos maiores registros a respeito, pois carecemos de mais estudos sobre a situação desse fenômeno variável nessa região, especialmente na Fronteira Oeste do estado. Sturza (2005) afirma que as zonas de fronteira com a língua espanhola ainda são desconhecidas do ponto de vista linguístico. De fato, pouco se sabe sobre a comunidade de fala (LABOV, 2008) fronteiriça e, diante disso, fica comprometido o trabalho do docente que procure levar o aluno a refletir sobre a variação linguística e o modo como se fala na região onde mora. Comunidade de fala no sentido proposto por Labov (2008) não se define pelo fato de os falantes falarem a mesma língua, e sim, pelo uso de normas compartilhadas dentro de uma comunidade. Segundo Labov (2008, p. 150), “estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso”. Para Labov (2008), é o grupo que determina o comportamento linguístico, ou seja, a comunidade de

fala. Para Scherre *et al.* (2015, p. 162), “todo fenômeno linguístico, independente de ser variável, exibe complexidade e riqueza natural; e a sua análise também”. Sturza (2005) colabora ensinando acerca da escassez de estudos sobre a região:

Se as fronteiras são sociais, se nelas vivem diferentes etnias – índios, espanhóis, árabes, portugueses, alemães, entre outros – o contato linguístico é uma consequência inevitável, e a situação das práticas linguísticas nessas regiões, de um modo geral, um campo pouco explorado pela linguística brasileira (STURZA, 2005, p. 47).

Diante da constatação de que há muito a ser explorado no que se refere ao português falado na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, a oferta de um produto pedagógico que envolva os usos dos pronomes pessoais e a consequente intenção de tornar o professor um pesquisador estão plenamente justificadas:

Devemos lembrar que o professor é também um pesquisador que tem de resolver problemas novos, nunca previstos nos manuais, com a habilidade de percepção e reflexão sobre dados e suposições que ele cria no acompanhamento das descrições e hipóteses explicativas de cada escola linguística (BARBOSA, 2009, p. 41).

Como há relutância por parte dos setores mais conservadores em reconhecer que o quadro pronominal brasileiro há muito tempo deixou de ser o prescrito canonicamente pelas gramáticas tradicionais, surgiram, assim, as dúvidas e o policiamento calcado mais no “achismo” do que nas pesquisas sociolinguísticas: “A não-compreensão (por desconhecimento ou por caturrice) das modificações ocorridas ao longo do tempo no sistema pronominal (e verbal) do português tem gerado uma série de confusões na interpretação de certos fatos” (MENON, 1995, p. 92).

Além da persistência com o quadro tradicional dos pronomes, a própria classificação registrada em gramáticas tradicionais deixa a desejar:

não há na literatura “tradicional” uma classificação coerente ao pronome *ocê*, pois colocá-lo no rol dos pronomes de tratamento, ao lado de formas que são usadas em contextos específicos, como *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade*, etc. é desconhecer completamente o uso de pronome pessoal do *ocê*. Prova disso é que na maioria das regiões do Brasil, inclusive, é a única forma para tratar o falante e, portanto, de segunda pessoa. Já na região Sul, [...] existe do ponto de vista linguístico uma interessante e variada distribuição *tu/ocê* para a segunda pessoa (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 37).

Mesmo sabendo não se tratar de um simples desconhecimento da variação na língua, mas de uma opção de encaminhamento pedagógico, o fato de a tradição gramatical na escola tentar modelar fala e escrita sob os mesmos princípios greco-romanos, que buscavam uma língua idealizada a partir da literatura, acarretou efeitos negativos para a percepção de fenômenos de variação e mudança linguísticas. O discurso adotado na normatização pelas gramáticas tradicionais conduz, em geral, a uma interpretação equivocada de se evitarem variantes da fala consideradas impróprias:

Os formuladores da gramática tradicional foram os primeiros a perceber as duas grandes características das línguas humanas: a **variação** (no espaço) e a **mudança** (no tempo). No entanto, a percepção que eles tiveram da variação e da mudança linguísticas foi essencialmente negativa (BAGNO, 2007, p. 68, grifos do autor).

Falando a respeito dos pronomes pessoais, Lopes (2007) colabora somando ao que ensinou Bagno (2007), ao afirmar que a maneira como as gramáticas tradicionais apresentam os pronomes pessoais “está longe de ter uma coerência interna e de dar conta da realidade concreta do por-

tuguês do Brasil” (LOPES, 2007, p. 106). Também segundo Lopes, “não há, ainda, um completo mapeamento descritivo do quadro atual de pronomes e das repercussões gramaticais ocasionadas pelo emprego cada vez mais frequente de *você/a gente*” (LOPES, 2007, p. 104). No que diz respeito à variação na realização da primeira pessoa do plural, segundo a autora, a forma inovadora *a gente* vem tendo seu uso ampliado nas últimas décadas. Já no que se refere à variação entre *tu* e *você*, como explica Lopes, há um fator regional envolvido<sup>5</sup>. Até as primeiras décadas do século XX, o uso de *tu* ainda era predominante. A partir de então, passa a predominar o uso de *você*. A autora alerta, entretanto, para um retorno de *tu* na fala carioca ao final do século XX. Com relação à região sul, as três capitais mostram um comportamento diferenciado, como mostra Lopes. Enquanto em Curitiba haveria uma ausência de *tu*, em Florianópolis e Porto Alegre ele estaria presente, com a diferença de que, na primeira capital, o uso de *tu* seria menor do que o de *você*, mas com a tendência de aparecer com a marca de segunda pessoa no verbo; já, em Porto Alegre, o uso de *tu* seria maior em comparação ao *você*, mas com menos flexão de pessoa. No tocante ao uso pronominal predominante no Rio Grande do Sul, aponta-se, quando do uso do *tu*, um grau de naturalidade maior em relação ao *você*:

tudo indica que a forma “*você*” tende a ser sentida pelo gaúcho como uma expressão pouco característica da cultura do Rio Grande do Sul, embora seja registrada em percentuais que variam de 5% a 15% na pesquisa de Loregian-Penkal (2004, p. 138). Na comunidade gaúcha ou de cultura gaúcha, o uso do “*tu*” é percebido e avaliado como mais natural (SCHERRE *et al.*, 2015, p. 140).

Como mencionamos anteriormente, houve um predomínio do uso de *você* no PB a partir das primeiras décadas do século passado. Como não poderia deixar de ser, essa opção pelo *você* provocou rearranjos gramaticais na língua. Como exemplo, citamos a introdução do pronome possessivo *dele*, uma vez que *seu* passa a ser ambíguo como referência à segunda ou à terceira pessoa.<sup>6</sup>

Passamos, agora, para a análise do uso de *nós* e *a gente* como referência à primeira pessoa do plural. Vianna e Lopes (2015) apontam para uma preferência pelo uso da segunda forma na fala:

tendo em vista todos os resultados elencados, com base na produção científica dos últimos 30 anos, é possível afirmar que o processo de substituição de “*nós*” por “*a gente*” no PB se encontra em avançado estágio na língua oral. No Brasil, tal fenômeno é amplamente caracterizado como mudança linguística. A diferença de comportamento entre as regiões é, contudo, um forte indicativo de que o processo avança mais rapidamente em umas áreas que em outras (VIANNA e LOPES, 2015, p. 130).

Como apontado, é na língua oral que o *a gente* avança sem maiores resistências. Outro ponto a ser grifado em Vianna e Lopes (2015) diz respeito à velocidade diferenciada com que a forma *a gente* avança nas regiões brasileiras, por razões que, pressupomos, ainda carecem de mais estudos. Vianna e Lopes (2015) destacam que não há uma avaliação negativa em relação à forma *a gente*, o que dá impulso a seu uso:

Mesmo que no ensino o pronome “*nós*” continue sendo apresentado como o legítimo pronome de primeira pessoa do plural, a forma “*a gente*” não sofre uma avaliação negativa da comunidade e, por isso, já vem aparecendo com frequência em textos escritos (VIANNA e LOPES, 2015, p. 130).

5 Para um histórico sobre a introdução de *você* na língua, sugerimos a leitura de Faraco (1996).

6 Para um aprofundamento desta questão, sugerimos a leitura de Oliveira e Silva (1996).

O avanço do uso de *a gente* não será evitado com a postura de ignorá-lo no ensino. Como apontam Vianna e Lopes, “estamos diante de um fenômeno de mudança em curso visto em tempo real na boca de milhões de brasileiros de todas as idades, profissões, regiões” (VIANNA e LOPES, 2015, p. 130).

Como se compreende, o ensino do quadro pronominal tradicional sozinho já não atende aos interesses linguísticos, e ignorar ou rotular como negativa a mudança em nada contribui para o ensino. Práticas eufemísticas como considerar o uso de *a gente* um fenômeno linguístico coloquial que deve ser evitado na linguagem formal vai de encontro aos resultados das pesquisas sociolinguísticas.

Como alerta Lopes (1998),

A alternância das formas *nós* e *a gente*, representando a primeira pessoa do plural, é de uso comum entre os falantes no Brasil. A gramática normativa, entretanto, por raramente explicar fenômenos já consagrados na língua falada, apresenta, ainda, incoerências quanto à classificação e inserção da forma *a gente* no sistema de pronomes pessoais e considera o pronome *nós* como mero plural de “eu”, sem discutir o seu uso mais abrangente e genérico de um “eu-ampliado” (LOPES, 1998, p. 1).

Com base nisso, deveríamos contar com o incremento da publicação de livros didáticos apontando que temos dois paradigmas de sincronias diferentes, sem sublinhar eufemisticamente um deles como de uso somente popular, por exemplo. Entretanto, a realidade é outra: “Os manuais didáticos raramente fazem alusão às novas formas pronominais quando descrevem o quadro de pronomes pessoais, embora, como os resultados mostraram, a substituição de *nós* por *a gente* venha sendo implementada de forma acelerada nos últimos trinta anos no português do Brasil” (LOPES, 2007, p. 115).

## Metodologia

Adotamos, no trabalho aqui apresentado, a metodologia da pesquisa-ação. Em virtude disso, nos apropriamos dos ensinamentos de Tripp (2005), Dionne (2007) e Bortoni-Ricardo (2008) como forma de embasarmos metodologicamente a nossa proposta. Segundo Tripp (2005), com a pesquisa-ação o professor poderá aprimorar o seu ensino e, com isso, ampliar as possibilidades de aprendizado do aluno. Por sua vez, Dionne (2007) compreende que essa forma de pesquisar permite o fortalecimento da união entre teoria e prática, assim como possibilita o surgimento de um novo saber. Para Bortoni-Ricardo (2008), o professor produz o seu próprio conhecimento e, com isso, acaba por produzir melhorias na sua prática docente.

Além disso, houve a proposta de inserir a metodologia de pesquisa no fazer dos alunos em sala de aula, visando evidenciar que, ao contrário do que se acredita, é possível adotá-la e, com isso, transformar as aulas de língua portuguesa em momentos de reflexão e busca de novos caminhos no ensino da língua materna. Propusemos aos alunos a comparação entre o paradigma tradicio-

---

7 Como mostra Lopes (1998), o pronome *nós* não corresponde a uma soma de eu + eu. Trata-se, na verdade, de diferentes configurações, denominadas por *eu-ampliado*, que podem contemplar eu + você(s), eu + ele(s) ou eu + todos.

nal dos pronomes pessoais com aquele em uso no PB, associada ao expediente de sair a campo para pesquisar e descobrir, na prática, como seria esse fenômeno entre os falantes do município de Itaqui (RS). Para tanto, adotamos os passos propostos por Bagno (2007, p. 199)<sup>8</sup>:

- 1 – ver como as gramáticas normativas e outros materiais didáticos abordam os pronomes pessoais;
- 2 – constituir um *corpus*: comparar o padrão ideal com a norma culta usando telenovelas, mesas-redondas, programas de entrevista, cartas, cartas de leitores, entrevistas gravadas, letras de canções, textos colhidos nas redes sociais, pronunciamentos oficiais de autoridades, folhetos de propaganda etc.;<sup>9</sup>
- 3 – coletar dados: recolher todas as ocorrências depois de definido de onde será a coleta;
- 4 – apontar as variantes mais frequentes; e
- 5 – explicar a mudança.

Para alcançar esse objetivo, lançamos mão de uma unidade didática composta por cinco módulos que foi aplicada no período de junho a setembro de 2016, em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de Itaqui (RS). Em relação à turma, o perfil dos alunos se mostrou desafiante, principalmente pelo fato de que, entre os 22 alunos que participaram do projeto, a maior parte deles trabalhava e vinha direto do serviço para a aula à noite, fato que prejudicava a concentração coletiva e a coleta de dados. Fora isso, se tratava de uma turma composta de alunos jovens, com as típicas dificuldades e com a mesma vontade de participar de uma atividade que fugisse à rotina escolar. Por fim, é importante destacar que todos entregaram o termo de consentimento, sendo que os menores de dezoito anos foram devidamente autorizados pelos pais.

Com relação à unidade didática, os módulos foram elaborados da seguinte forma:

- 1º módulo: discussão sobre o que é variação linguística;
- 2º módulo: análise de canções que contivessem o novo paradigma dos pronomes pessoais na posição de sujeito, a fim de comparar com o paradigma tradicional;<sup>10</sup>
- 3º módulo: montagem das duplas de pesquisadores, seguida (i) de discussão de conceitos envolvendo o ato de pesquisar e (ii) de levantamento de dados;
- 4º módulo: reflexão a respeito dos dados coletados, seguida da elaboração do folheto informativo intitulado “O Uso Real dos Pronomes Pessoais no Município de Itaqui”;<sup>11</sup>

8 A proposta de Bagno envolve a análise do pronome *cuyo*.

9 Os gêneros mencionados por Bagno podem ser localizados em diferentes pontos do contínuo de monitoração estilística sugerido por Bortoni-Ricardo (2004). Destacamos que o autor preocupou-se apenas em elencá-los, deixando a critério do pesquisador a escolha pela fonte de dados que se adapte melhor à sua realidade e a seus objetivos.

10 A intenção, nesse momento, era a de despertar o interesse dos alunos para uma análise do uso dos pronomes pessoais na posição de sujeito a partir de um gênero que fizesse parte de seu cotidiano: as canções. Além das canções, os alunos fizeram a leitura, análise e discussão de uma matéria jornalística publicada no *Jornal Zero Hora* intitulada “O tu está saindo do vocabulário dos gaúchos”. A matéria está disponível no endereço eletrônico <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/10/o-tu-esta-saindo-do-vocabulario-dos-gauchos>. Este texto foi selecionado para, mais uma vez, aproximar a discussão da realidade dos alunos.

11 Elegemos esse título para o folheto em virtude de que ele foi pensado para ser distribuído virtualmente às



- 5º módulo: fechamento da unidade didática com a socialização do folheto e últimas discussões a respeito do tema proposto.

A fim de trabalharmos da melhor forma possível a unidade didática, lançamos mão de Damis (2006), que aponta os benefícios dessa proposta:

- a) A disposição do conteúdo em unidades coloca o aluno em contato com o todo antes de iniciar o estudo das partes ou subunidades;
- b) As atividades programadas nas etapas de exploração e assimilação ocupam os alunos em atividades de coleta, organização e análise de dados;
- c) Após o estudo analítico das partes, o conhecimento é integrado na elaboração da síntese final do que foi aprendido – a organização do conhecimento aprendido constitui-se em momento importante da técnica (DAMIS, 2006, p. 121).

Dialogando com o que propõe Damis (2006), a nossa unidade didática envolveu os três benefícios apontados, ou seja, os alunos conseguiram compreender a totalidade daquilo com o que iriam trabalhar, conseguiram se ocupar de atividades práticas de coleta de dados e construíram um conhecimento com base na síntese final.

### **Discussão dos resultados**

Por adequação às dimensões previstas para esta publicação, optamos, no trabalho aqui apresentado, por restringir a análise e a discussão dos resultados ao 3º módulo e ao início do 4º módulo, correspondentes aos momentos em que os alunos fizeram uma pesquisa sobre o uso dos pronomes pessoais em Itaqui (RS) e, posteriormente, analisaram os resultados. Incluímos, aqui, também a avaliação que os alunos fizeram das atividades de que participaram.

Após uma discussão inicial sobre a variação linguística e, mais especificamente, sobre os pronomes pessoais e, também, sobre o que é uma pesquisa, em que foram destacados alguns aspectos metodológicos e éticos, chegou o momento em que os alunos fariam uma atividade prática: a realização de uma pesquisa, com dados reais, sobre o uso dos pronomes *tu/você* e *nós/a gente* em Itaqui (RS).

Para iniciar a pesquisa, os alunos foram informados de que deveriam realizar uma coleta de dados orais e escritos com um total de 24 informantes. As variáveis escolhidas para a seleção dos informantes foram as descritas no Quadro 3 abaixo. Embora tenhamos eleito as variáveis antes de apresentá-las aos alunos, discutimos com eles que a abrangência dessas variáveis permitiria uma coleta mais robusta de dados.

---

escolas vizinhas ao município de Itaqui. A intenção foi a de deixar claro no título que há uma maneira como os pronomes são efetivamente usados pelos falantes, em oposição implícita a uma maneira idealizada, como a que pode ser encontrada em gramáticas normativas.

Quadro 3: Perfil dos informantes

Informante	Escolaridade e idade	Número de participantes
Homem	Ensino fundamental, até 25 anos	2
Homem	Ensino fundamental, mais de 25 anos	2
Homem	Ensino médio, até 25 anos	2
Homem	Ensino médio, mais de 25 anos	2
Homem	Ensino superior, até 25 anos	2
Homem	Ensino superior, mais de 25 anos	2
Mulher	Ensino fundamental, até 25 anos	2
Mulher	Ensino fundamental, mais de 25 anos	2
Mulher	Ensino médio, até 25 anos	2
Mulher	Ensino médio, mais de 25 anos	2
Mulher	Ensino superior, até 25 anos	2
Mulher	Ensino superior, mais de 25 anos	2

Fonte: Fleck (2016, p. 186)

Foram, então, apresentados aos alunos os instrumentos de coleta de dados. Foi sugerido aos alunos que realizassem uma coleta oral e que também solicitassem dos informantes um registro escrito, como foi mencionado anteriormente. Quanto ao trabalho de campo, a fim de que emergissem os pronomes pessoais em análise, os participantes deveriam, primeiramente, incentivar o seu interlocutor (os alunos que estavam fazendo a coleta de dados) a limpar o próprio pátio e, na sequência, convidar o povo itaquense a limpar e cuidar do seu pátio na luta contra a dengue.<sup>12</sup> No que diz respeito ao registro escrito, o informante deveria escrever dois textos: uma mensagem que poderia ser enviada pelo celular ou por uma rede social convidando um amigo para um churrasco e uma carta, bilhete ou e-mail reclamando ou elogiando de modo individual ou coletivo um serviço realizado pela prefeitura.<sup>13</sup>

Após a apresentação dos instrumentos de coleta de dados, enfatizamos muito que os alunos poderiam propor quaisquer mudanças que considerassem pertinentes. A nossa preocupação era não deixá-los atuar passivamente, por isso a ênfase em convidá-los a expor as suas opiniões, a sugerir mudanças, a exercitar a coleta de dados. Nesse sentido, talvez tivesse sido oportuno dar espaço aos alunos para que criassem, coletivamente, os instrumentos de coleta de dados. Isto implicaria, obviamente, um tempo maior para a aplicação da unidade.

Diante da proposição de pesquisar os pronomes pessoais na posição de sujeito, deveríamos testar se os nossos instrumentos propiciariam o terreno para a coleta dos dados, além de combinar os critérios para que a gravação e as produções textuais fossem aceitas. Realizamos os testes em sala de aula, a partir de simulações feitas entre os alunos-pesquisadores, e ajustamos que um familiar poderia participar da coleta, desde que este não soubesse até o momento de sua partici-

12 Este assunto foi selecionado por se tratar de uma questão bastante discutida na época em que os dados foram coletados.

13 Embora a intenção fosse obter dados associados a diferentes registros, mais ou menos formais, tanto na fala quanto na escrita, a questão dos diferentes níveis de formalidade não será aqui discutida.

pação o motivo real da pesquisa. Quanto às simulações, elas se constituíram em momentos nos quais um aluno gravava o outro.

E assim, considerados aptos, os alunos foram autorizados a começar a coletar os dados. Desse modo, a teoria e a prática caminhavam juntas, como escreveu Dionne (2007). A partir desse momento, o trabalho estava nas mãos deles, com todos os desafios que a atividade poderia despertar. Precisamos, nesse momento, fazer a crítica ao fato de termos iniciado a coleta de dados faltando poucos dias para o recesso escolar. Isso acarretou que as coletas comessem a ser realizadas, para a maioria, na volta das aulas em agosto. Mesmo assim, durante o período de férias, alguns alunos encaminharam as gravações ao professor, deixando para entregar os envelopes com a tabulação e a coleta escrita para agosto. Após o retorno às aulas, os alunos foram lembrados que deveriam coletar os dados e fixamos em comum acordo um prazo máximo para a entrega do material gravado e escrito pelos informantes.

O professor, então, preencheu as tabelas previamente e as apresentou aos alunos. Havia o planejamento inicial de que os alunos elaborariam as tabelas em aula, entretanto, diante da demora na reunião de todos os dados e da dificuldade dos alunos em realizar as próprias tabulações nos seus materiais de coleta de dados, optou-se por levar para a sala de aula as tabelas prontas. A participação dos alunos, levando em consideração que eles são do Ensino Médio, foi menor do que a esperada. De qualquer forma, fica a reflexão de que talvez fosse necessário ter previsto um tempo maior para esta etapa de tratamento dos dados, porque disso resultaria um importante momento que poderia ter sido desenvolvido de maneira interdisciplinar com o apoio de professores de matemática.

Conforme veremos na sequência, os dados coletados foram lançados em tabelas visando à discussão coletiva pelos alunos-pesquisadores. Para a análise que estamos desenvolvendo aqui, traremos os resultados gerais obtidos para a variação entre *tu/você* e *nós/a gente*, opondo fala e escrita. A Tabela 1 traz os resultados da coleta oral em relação à variação entre *tu/você*.

**Tabela 1:** Resultado da coleta oral em relação à variação entre *tu/você*

Pronome	Ocorrências	Percentual
Tu	18	51,42%
Você	17	48,58%
Total	35	100%

Fonte: Fleck (2016, p. 95)

Em aula, discutimos que, dentro dos limites da nossa pesquisa, o *você* é tão normal quanto o *tu* entre os itaquienses. Esse resultado chamou muito a atenção dos alunos, pois, quando iniciamos a discussão a respeito, em junho, alguns alunos haviam apontado que o *tu* teria supremacia sobre o *você*. Foi destacado que não se tratava de “torcer” pelo *você* em detrimento ao *tu*, mas, sim, de evidenciar que o previsto na gramática (principalmente a ausência do *você*) nem sempre condiz com a realidade. Frisamos que os pronomes são sensíveis a mudanças (CASTILHO, 2010) e que havia, como ensina Menon (1995), uma confusão na interpretação das mudanças pronominais. Um exemplo disso foi uma aluna que, nas primeiras aulas da aplicação da unidade didática, comentou terem ficado confusos, ela e o marido, com o modo como a filha usava *você*.

Antes desse momento de discussão dos resultados, essa aluna havia afirmado que a filha usava mais o *você*. Retomamos, em aula, essa fala uma vez que a aluna destacou que tanto ela quanto o marido discutiram se deveriam ou não corrigi-la, pois até então a aluna-mãe considerava a hipótese de apenas o *tu* ser o pronome da segunda pessoa. Discutimos o assunto e a importância de socializar que não tínhamos apenas o *tu* como pronome de segunda pessoa (LOREGIAN-PENKAL, 2005) e que, como ensina Lopes (2007), não vivemos mais no tempo do “eu, tu, ele, nós, vós, eles”. Esse momento foi, didaticamente, muito interessante para evidenciar a distância entre o que prescreve a gramática tradicional e o que realmente acontece no uso da língua.

Em relação ao exposto na Tabela 1, fechamos a discussão lembrando que “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes” (MOLLICA, 2010, p. 10). Ou seja, tanto o *tu* quanto o *você* são variantes condicionadas pelo contexto comunicativo.

Passou-se, depois, à discussão sobre os dados escritos, a partir dos resultados da Tabela 2.

**Tabela 2:** Resultado do registro escrito em relação à variação entre *tu/você*

Pronome	Ocorrências	Percentual
Tu	5	35,72 %
Você	9	64,28 %
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Fonte: Fleck (2016, p. 97)

Na escrita, destacou-se a preferência pelo *você*. Em virtude do grau de monitoração estilística, para o qual se considerou o ambiente, o tópico da conversa e o interlocutor (BORTONI-RICARDO, 2004), criamos a expectativa de produção de um texto informal seguido de outro formal, entretanto, tivemos casos da produção de dois textos com características mais formais. Nesse cenário, concordamos, em sala de aula, que o *você* tende a ser mais usado como forma de se referir ao interlocutor, da mesma forma como registrado por Neves (2000). Aparentemente, o *você* se tornou mais usual diante da intenção formal do nosso participante.

Após realizarmos a análise dos pronomes pessoais da segunda pessoa, dedicamos a nossa atenção para os pronomes da primeira pessoa do plural. A discussão que envolveu a turma estava centralizada na hipótese do *a gente* surgir em um percentual significativo. Passamos, em sala de aula, à análise dos resultados da Tabela 3.

**Tabela 3:** Resultado da coleta oral em relação à variação entre *nós/a gente*

Pronome	Ocorrências	Percentual
Nós	25	60,98%
A gente	16	39,02%
<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>100%</b>

Fonte: Fleck (2016, p. 98)

O uso de *nós* se revelou como mais frequente, entretanto o percentual de *a gente* mereceu ser discutido. Mesmo que seja ensinado o *nós*, o *a gente* cada vez menos sofre uma avaliação negativa (VIANNA e LOPES, 2015), sendo crescente o seu uso sem críticas (ZILLES, 2007). Instigados a

comentar, os alunos destacaram que o *a gente* é tão comum que esperavam um percentual maior. Fechamos a análise com o resultado dos registros escritos sem dados em número suficiente para análise variacionista, conforme mostra a Tabela 4. Ao que parece, para além do fato de, em geral, a ampliação da amostra possibilitar aumento do número de dados, é possível que esta pesquisa não fuja à tendência de as fontes escritas demorarem a refletir a difusão dos dados variáveis da fala.

**Tabela 4:** Resultado do registro escrito em relação à variação entre *nós/a gente*

Pronome	Ocorrências	Percentual
Nós	1	-
A gente	1	-
Total	2	-

Fonte: Fleck (2016, p. 100)

Infelizmente, conforme anotamos acima, não coletamos um número mínimo de dados escritos.<sup>14</sup> Discutimos essa situação em aula e concluímos que o nosso material de coleta não foi suficientemente bem elaborado para que permitisse a ocorrência de pronomes. Esse resultado levou a discutirmos o quanto é importante a etapa de teste do método de coleta de dados. Os alunos perceberam que o ato de pesquisar requer muita disciplina e organização, pois em alguns casos há dificuldade de coletar novos dados.

Fechando essa primeira parte da análise, destacamos, aqui, que tivemos casos do verbo na primeira pessoa do plural sem o respectivo pronome, mas, antes de coletarmos os dados, discutimos e chegamos ao consenso de que tabularíamos somente os dados em que surgisse expressamente o pronome (*tu/você, nós/a gente*).

Ao final do desenvolvimento da unidade, fizemos uma avaliação junto aos alunos. Para tal, eles responderam por escrito a 12 perguntas. Aqui, trazemos sete delas, acompanhadas de algumas das respostas,<sup>15</sup> eleitas tendo como critério sua qualidade e abrangência. As outras cinco questões não serão comentadas porque elas dizem respeito a aspectos que não foram discutidos no recorte feito para este texto. Ao todo catorze dos vinte e dois alunos da turma realizaram essa tarefa. Esse número foi considerado satisfatório, tendo em vista que realizamos a atividade em setembro, mês que possui menos datas letivas em virtude de feriados nacional e estadual, momento no qual temos um maior número de faltosos, fato que dificulta a realização de atividades com alguma complexidade.

14 Trata-se de uma quantidade muito pequena de dados por si só e, também, em relação à quantidade de dados obtidos nos demais tipos de coleta, como mostram as tabelas 1 a 3, o que prejudica a ortogonalidade na distribuição dos dados (cf. GUY, 2007).

15 As respostas foram transcritas de maneira fiel ao original.

Quadro 4: Avaliação da unidade feita pelos alunos

<p><i>b) Comparando os dois primeiros quadros<sup>16</sup> e com base no que estudamos e pesquisamos, por que podemos afirmar que o primeiro não condiz com a realidade linguística brasileira?</i></p> <p>Aluno 48<sup>17</sup>: “Não esta atualizado, já esta ultrapassado.”</p> <p>Aluna 10: “Sim, pois não é a forma que usamos.”</p> <p>Aluna 25: “Porque o quadro está desatualizado, e não é usado pelos brasileiros.”</p> <p>Aluna 42: “Porque o primeiro quadro está desatualizado e não condiz com a nossa realidade.”</p>
<p><i>c) Comparando o segundo quadro com o terceiro<sup>18</sup>, que foi resultado da nossa pesquisa, o que podemos concluir?</i></p> <p>Aluna 38: “Realmente comparando o 2º quadro com o 3º quadro o 1º está desatualizado.”</p> <p>Aluno 48: “Nossa pesquisa deu pra notar a diferença e atualização.”</p> <p>Aluna 25: “Que os dois estão iguais, pois é a forma que usamos para falar.”</p> <p>Aluna 8: “Podemos concluir que nós itaquenses estamos usando a mesma forma no dia dia.”</p>
<p><i>f) Por que o “você” apareceu mais na escrita do que na fala?</i></p> <p>Aluna 10: “Por quê , as pessoas cuidaram-se na escrita”.</p> <p>Aluno 24: “Possivelmente a pessoa se cuida mais na hora de escrever”.</p> <p>Aluna 11: “Provavelmente a pessoa se cuida mais na escrita”.</p> <p>Aluna 42: “Porque quando falamos não tomamos tanto cuidado, quanto na escrita, que normalmente usamos o modo mais tradicional”.</p> <p>Aluna 8: “Pois as pessoas se políam mais na escrita, e o você soa mais formal”.</p>
<p><i>h) Por que não conseguimos colher mais dados escritos a respeito do “nós” e “a gente”?</i></p> <p>Aluna 42: “Porque talvez o formulário não tenha sido bem testado, ou não tenham sido feitos muitos testes.”</p> <p>Aluna 25: “porque não formulamos a pergunta para que as pessoas usassem o nós ou a gente.”</p> <p>Aluna 8: “Pois o nosso formulário não foi bem elaborado.”</p> <p>Aluna 26: “Não conseguimos pois o material da pesquisa foi mal formulado para essa pesquisa.”</p>

16 Houve, em aula, neste momento, uma retomada do conteúdo dos Quadros 1 e 2.

17 Optamos por identificar os alunos pelo seu número na chamada.

18 O terceiro quadro apresentava o seguinte conteúdo:

Sistema pronominal resultante da nossa pesquisa em Itaquí (RS)

PRONOME SUJEI-
TO
Eu
<b>Tu / você</b>
Ele, ela
<b>Nós / a gente</b>
Vocês
Eles, elas

*i) Lemos uma matéria jornalística apontando que o “você” está avançando sem sofrer restrições dos falantes gaúchos<sup>19</sup>. Isso se confirmou na nossa pesquisa? Por quê?*

Aluna 26: “Realmente o ‘você’ está avançando na linguagem do gaúcho.”

Aluno 18: “Se confirmou, o você está avançando.”

Aluna 10: “Confirmou, pois os gaúchos estão usando em grande número o você.”

Aluna 42: “Sim foi confirmado porque normalmente estamos sofrendo mudanças na atualidade, apenas adicionamos e não questionamos, apenas nos adaptamos.”

*k) Você achou interessante pesquisar sobre o uso real dos pronomes pessoais? Justifique.*

Aluna 42: “Sim, porque nos coloca em uma posição de opinar sobre os pronomes e dizer que estamos corretos em dizer tu ou você, e que somos pessoas capazes de informar mais sobre a língua portuguesa.”

Aluna 8: “Sim, pois eu pensava que normalmente usávamos mais o tu e pela pesquisa notei que usamos tanto um como o outro.”

Aluna 7: “sim, por ser a primeira pesquisa elaborada na aula, fazendo com que a turma participe e tenha mais conhecimento.”

Aluna 10: “importante pois assim todos, aprendemos a forma correta.”

*l) Avalie o produto pedagógico aplicado. Aponte erros, acertos e se possível dê sugestões para que possamos aperfeiçoá-lo, tendo em vista que a ideia é que ele seja reaplicado por professores em qualquer lugar do país.*

Aluna 11: “Gostei muito porque a língua é diferente por cada pessoa, só que o professor demorou um pouco pra tabular as respostas.”

Aluna 42: “Na minha opinião não existem erros, e sim falhas, talvez realizar um formulário mais amplo, não apenas pesquisar sobre qual pronome mais usado, mas também perguntar sobre como nos sentimos sobre essa mudança de verbos, porque na verdade estamos acostumados também com o modo tradicional que aprendemos na escola.”

Aluna 25: “Achei que as pessoas falaram o que foi previsto, e poderíamos aperfeiçoar as perguntas para que usem palavras que precisamos para a pesquisa.”

Aluna 8: “Foi um pouco demorado, fizemos esse trabalho em período de férias e nosso formulário da pesquisa escrita não foi muito elaborado para um jeito informal.”

Aluna 26: “Acredito que de positivo no trabalho foi o aprendizado que ele nos proporcionou e de negativo que foi o método que teve algumas falhas que deixaram o trabalho sem alguns resultados percentuais.”

**Fonte:** Fleck (2016, p. 102-105)<sup>1920</sup>

Fazemos, agora, alguns comentários sobre as respostas acima e sobre a reflexão feita em sala de aula a partir das respostas. Em primeiro lugar, foi satisfatório evidenciar que os alunos perceberam a desatualização do quadro pronominal tradicional, pois constataram na prática essa incoerência. As respostas para a pergunta “f”, questionando o uso majoritário de *você* nos textos

19 Cf. nota 9

20

escritos, proporcionaram um interessante momento de reflexão da turma. Frisamos durante a leitura dessas respostas que o cuidado com a escrita não significa que a fala seja descuidada e propensa ao surgimento de “erros”. Destacamos que temos a fala mais formal e mais informal, assim como a escrita mais formal e mais informal, cada uma com as suas características. Por fim, compreendemos que a nossa pesquisa mostrou que o *você* é empregado por “soar mais formal” quando conversamos com um interlocutor. Além disso, o gênero de texto produzido favoreceu esse uso. Debates também que o *a gente* não sofreu restrições. Em relação à constatação de que o nosso questionário de pesquisa foi insuficiente para coletar dados escritos a respeito de *nós* e *a gente*, foi bom constatar que os alunos aprenderam que, antes de sair a campo, o pesquisador tem que testar o máximo possível o seu material de coleta de dados. Caso isso não seja feito, corremos o risco apontado por Bortoni-Ricardo (2008):

Quando o pesquisador não conduz a pesquisa baseado em decisões bem claras, sua coleta de dados pode resultar em quantidades inadequadas de evidência para confirmar ou desconfirmar as asserções na fase da análise. E aí pode ser difícil, até impossível, retornar ao ambiente da pesquisa para obter mais dados (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 60).

No tocante a verificar se eles apreenderam o que seja a variação linguística, foi satisfatório perceber que eles compreenderam que usar um ou outro pronome, com ou sem a concordância prevista, dependerá de questões envolvendo o contexto de comunicação e as intenções do falante. Além disso, a hipótese levantada nas primeiras aulas da unidade didática de que o *você* avançava sem encontrar obstáculos se confirmou. Essa constatação foi motivo de discussão entre os alunos, pois muitos entendiam que o *tu* seria soberano em virtude do município de Itaquí ser vizinho da cidade argentina de Alvear. Quando indagamos os alunos se eles gostaram de pesquisar sobre pronomes pessoais, selecionamos quatro respostas que mereceram ser discutidas pelo grupo. Uma aluna destacou que, a partir da pesquisa, seria possível opinar com mais conhecimento sobre o assunto, até mesmo como forma de defender o uso tanto de *tu* quanto de *você*. Outra aluna nos proporcionou um exemplo de como a curiosidade foi despertada na maioria dos alunos, uma vez que ela imaginava que haveria uma supremacia de *tu*. Como forma de mostrar o quanto o ato de pesquisar é marcante para o aluno foi que trouxemos a resposta de uma terceira aluna afirmando que, com essa primeira pesquisa, houve uma maior participação dos alunos nas atividades propostas. Por fim, trazemos a aluna 10 que mostra com a sua resposta as raízes profundas da cultura do erro. A referida aluna afirma a respeito de pesquisar que achou “importante pois assim todos, aprendemos a forma correta”. Como se interpreta, ela possivelmente compreende o ensino da língua como uma transição do falar e escrever “errado” para o falar e escrever “certo”, o que demonstra que a cultura do erro precisa ser continuamente debatida em sala de aula. Por fim, temos a análise das falhas e acertos na aplicação do produto. Quatro alunas apontaram as falhas na formulação do material de coleta de dados, mais precisamente nos dados escritos, sendo que a aluna 42 apontou que deveríamos ter discutido com mais ênfase como eles percebiam todas essas mudanças, pois na visão dela todos estão “acostumados com o modo tradicional”. Fechando essa primeira parte da reflexão, a aluna 26 considerou positiva a pesquisa em virtude do aprendizado que dela resultou.

### Considerações finais

Com esse trabalho, procuramos mostrar que a prática da pesquisa a respeito da língua portuguesa permite uma reflexão sobre a variação linguística, ponto de partida para o ensino de



qualquer língua. Para os alunos ficou caracterizado que a língua é dinâmica e que a proposição de pesquisar a respeito fez com que eles percebessem que o ensino gramatical tradicional por si só não contempla toda a gama de variações que qualquer língua possui, optando pela omissão e desabonando usos linguísticos consagrados pelos falantes nativos.

A proposição de uma pedagogia da variação linguística (FARACO, 2008) só poderá começar a sair da teoria a partir do momento no qual os professores, com boa formação, coloquem em prática os ensinamentos sociolinguísticos. Naturalmente, lutar contra a ideia de que o brasileiro não sabe o próprio idioma e contra a barreira da “cultura do erro” não é uma tarefa das mais fáceis. O desencontro entre um português idealizado (norma padrão) e outro real (que aqui chamamos de norma culta) só será superado com a oferta de atividades práticas que levem para a sala de aula a reflexão sobre a língua. Na esteira do que propõem Basso e Pires de Oliveira (2012), a unidade aplicada permitiu que o português brasileiro entrasse na sala de aula, no sentido de tomá-lo como objeto de reflexão e criar condições para que os alunos construíssem gramática(s)<sup>21</sup> sobre o uso dos pronomes pessoais.

No tocante a pontos positivos, é preciso reforçar que conseguimos fazer com que a maior parte dos alunos se envolvesse diretamente com a pesquisa, tendo em vista que logramos despertar a curiosidade deles. A discussão sobre a formalidade e a informalidade e sobre a preocupação excessiva com o conceito de “erro” foi interessante do ponto de vista pedagógico. Para os alunos, ficou evidenciado que rotular os usos da língua como certos ou errados revela uma atitude cômoda em relação à língua, pois, como frisamos para eles, era muito confortável do ponto de vista da tradição gramatical ignorar o uso corrente tanto do *a gente* quanto do *você*.

É importante destacar que o preenchimento de todas as tabelas e a elaboração do folheto de divulgação da pesquisa não contemplou a participação mais efetiva dos alunos. Isso aconteceu por dois motivos: o tempo previsto para a aplicação da unidade didática e a própria inexperiência dos alunos para lidar com a dinâmica de tabular os dados coletados.

Apesar das dificuldades apontadas, a aplicação da unidade aqui apresentada, com as modificações e as adaptações que os professores julgarem necessárias, poderá ser útil para a análise de outros fenômenos variáveis, como a concordância verbal, por exemplo, de maneira a fazer com que, de fato, a sala de aula se torne um laboratório vivo, conforme propõe Bagno (2007). Esperamos que isso sirva aos professores como forma de provocar pequenas e contínuas mudanças nas aulas, levando todos os atores a refletirem sobre a língua. Assim, as bases para o surgimento da pedagogia da variação linguística se tornam mais sólidas.

---

21 Como afirmam Basso e Pires de Oliveira (2012, p. 27), “as línguas são um excelente meio para ensinarmos o raciocínio científico, algo necessário independente da área para a qual o aluno irá se dirigir, porque não precisamos de equipamentos sofisticados para construirmos uma gramática – uma explicação para uma língua”.

## Referências

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARBOSA, Afranio Gonçalves. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; Sílvia Figueiredo Brandão (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 31-50.
- BASSO, Renato Miguel; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Feynman, a linguística e a curiosidade, revisitado. *Matraga*, v. 19, n. 30, p. 13-40, 2012.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: a Sociolinguística na Sala de Aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática de língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.
- DAMIS, Olga Teixeira. Unidade Didática: uma técnica para a organização do ensino e da aprendizagem. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). *Técnicas de Ensino: Novos Tempos, Novas Configurações*. Campinas, SP: Papirus, 2006, p. 105-136.
- DIONNE, Hugues. *A pesquisa-ação para o desenvolvimento local*. Brasília: Liber Livros, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento *ocê* em português: uma abordagem histórica. *Fragmentum*, n. 13, p. 51-82, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1999.
- FLECK, Leandro Silveira. *Por uma pedagogia da variação linguística: o ensino dos pronomes pessoais na perspectiva sociolinguística*. Bagé: UNIPAMPA, 2016. Dissertação (Mestrado em Letras), UNIPAMPA, Bagé, 2016.
- GUY, Gregory R. Varbrul: análise avançada. In: GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOPES, Celia Regina dos S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. *DELTA*, v.14, n. 2, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci>>. Acesso em: 01 de abr. 16.
- \_\_\_\_\_. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 105-119.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)Análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. Curitiba: UFPR, 2004. Tese (Doutorado em Letras), UFPR, Curitiba, 2004.

\_\_\_\_\_. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. *Estudos Linguísticos*, n. XXXIV, p. 362-367, 2005. Disponível em: < <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, n. 44, p. 91-106. 1995. Disponível em: < <http://ojs.c3sl.ufpr.br/>>. Acesso em: 02 out. 15.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 9-14.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de. Estertores da forma *seu* de terceira pessoa na língua oral. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 169-181.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos Filhotes: Variação Linguística, Mídia e Preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *et al.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Revista Ciência e Cultura*, v. 57, n. 2, p. 47-50, 2005.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VIANNA, Juliana Segadase LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 109-131.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/>>. Acesso em: 11 out. 2015.

**Recebido: 05/2017**

**Aceito: 08/2017.**